

N A R R A R P O R



RE

LA

ÇÕES

III

N A R R A R
P O R
R E L A Ç Õ E S I I I

Uma navegação errante entre nebulosas



A N A L U I Z A
S I L V A
F R E I R E



D A N I E L
S A B Ó I A
A L M E I D A
B A R R E T O



R A F A E L A
L I N O
I Z E L I

Linhas e pontos de diferentes cores se interconectam em arranjos moventes e polimorfos, fluindo abaixo de uma sequência linear de botões que divide, em intervalos de 50 anos, o período entre 1800 e 2050. Ao mover o cursor pelo espaço da tela, sobre cada um dos pontos coloridos, abrem-se balões anunciando diferentes acontecimentos¹ relevantes à história do pensamento urbanístico. Essa composição de imagens apresenta ao visitante da plataforma *web* da Cronologia do Pensamento Urbanístico,² logo de cara, algumas possibilidades de acesso ao seu conteúdo, convidando-o a combiná-las na exploração e construção de um percurso autônomo e imaginativo de leitura.

Adotado como principal modo de narração e divulgação da nossa pesquisa, o *site* oferece, através de um aparato visual e interativo desenvolvido no limite das habilidades técnicas da nossa equipe, uma multiplicidade de caminhos para leitura proveniente de uma construção de conhecimento que se dá de maneira processual e relacional. Diferente do que o nome da plataforma pode a princípio fazer parecer,³ sua elaboração – assim como a da pesquisa homônima – decorre de uma atitude intelectual norteada por uma composição narrativa e uma escrita da história que são contingentes, e não necessariamente lineares, em suas temporalidades.

Essa composição envolve um processo imaginativo, que nos permite construir um pensamento aberto ao incerto, movido pelas associações encontradas entre os acontecimentos. Um modo de pensar e narrar conduzido pela imaginação – no sentido adotado por Didi-Huberman (2013) quando, citando Baudelaire, diz que “nada tem a ver com fantasia pessoal ou gratuita”, mas de um poderoso “conhecimento transversal” que possibilita estabelecer laços não evidentes, potencializar hipóteses e se permitir ao movimento constante de reassociações dos fatos históricos. São essas relações moventes que conformam o que chamamos de “nebulosas”, termo desenvolvido por Margareth Pereira, que é ao mesmo tempo o resultado e o motor das pesquisas realizadas pelo nosso grupo. Ao falar dessas “nebulosas” como um modo de pensar metafórico, Pereira (2018, p. 252) aponta que:

De fato, como uma metáfora, ela [a nebulosa] é uma figura de linguagem, e não é, portanto, propriamente um método [...] É a imagem de um pensamento que se move e, ao mesmo tempo, um movimento do próprio pensamento como ideação movente [...] É um modo de pensar que pergunta sobre o próprio ato de conhecer as operações que lhe são inerentes, a começar pelo que se mobiliza como objeto de estudo e que parece impor-se como memória e exigir alguma escuta.

A cada movimento pelas páginas da plataforma *web*, constelações⁴ – expressões gráficas e momentâneas desse “pensar por nebulosas” – com distintos arranjos se formam, tanto mais densas ou rarefeitas quantas forem as relações identificadas entre cada acontecimento. Esse processo relacional nos permite articular discursos, narrativas e sentidos, além de evidenciar convergências e conflitos no pensamento urbanístico – em que novos arranjos são conformados à medida que as categorias “projetos”, “eventos”, “fatos relevantes” ou “publicações” são inseridas no *site*.

Convidamos, então, o leitor a imaginar conosco uma navegação por entre essas nuvens, de forma a tornar visíveis alguns dos seus processos de adensamento, precipitação e dissipação. Com isso, desejamos expor a indissociável relação entre as nossas reflexões teóricas sobre as formas de pensar, fazer e narrar a história e as múltiplas experiências de leitura que o *site* da Cronologia proporciona – e como, por

sua vez, essa estrutura de organização do conteúdo retroalimenta conceitualmente a pesquisa homônima desenvolvida pelo nosso grupo de pesquisadores.

De antemão, podemos afirmar que procuramos refletir por nebulosas, orientados no sentido de um pensamento da “multiplicidade” (DELEUZE; GUATTARI, 1995), que opera por desdobramentos e atravessamentos mútuos – em que uma coisa não anula a outra, mas se interpõe e se complexifica por assumir a busca por uma narração multifacetada e não purista da história. Para isso, buscamos compreender as diferentes formas de pensar e fazer coimplicadas a esse pensar e narrar por nebulosas, através das “montagens” (JACQUES, 2018) e das “temporalidades” (JACQUES et al., 2017), sem perder de vista as suas possibilidades relacionais. Nesse sentido, optamos por nos debruçar sobre a plataforma a partir desses três modos de pensar – as nebulosas, as montagens e as temporalidades –, ressaltando como essas discussões atravessam as diferentes formas de acessar e construir os conteúdos que constituem a ferramenta *web*: as constelações, os verbetes e as cronologias.

Navegando entre essas diferentes estruturas do *site*, o visitante é induzido a um percurso de leitura errante, em que cada conteúdo leva a outro e é preciso alternar a todo momento entre as ferramentas de visualização, em movimentos sucessivos de aproximação e distanciamento. Para melhor compreender as relações vistas a uma maior distância – sejam as conexões apontadas pelas constelações ou os indícios de aglutinação e dispersão de ideias no tempo e no espaço sugeridos pelos pontos que se distribuem ao longo do painel cronológico –, é possível aproximar o olhar e, acessando o conteúdo de cada verbete, compreender o que fundamenta, a partir de fontes primárias, as relações indicadas.⁵

A primeira etapa desse caminho será aplicar à história o princípio da montagem. Isto é: erguer as grandes construções a partir de elementos minúsculos, recortados com clareza e precisão. Portanto romper com o naturalismo histórico vulgar. Aprender a construção da história como tal. (BENJAMIN, 2009, p. 503)

Em cada verbete, um projeto, evento, publicação ou fato relevante à história do pensamento urbanístico nos é apresentado não por um texto monográfico ou monotemático, mas por um conjunto heterogêneo de fragmentos que nos oferece múltiplas chaves de acesso àquele fato histórico, organizadas em diferentes subpáginas, sendo a aba “apresentação” o principal campo de exibição do conteúdo construído pelo pesquisador sobre um acontecimento.⁶ Nela, imagens e citações formuladas em tempos distintos expõem diferentes pontos de vista sobre o assunto em questão. Ao convocar essas vozes e montar com elas um debate, o pesquisador-montador que constrói o verbete renuncia a um modo fechado de narrar a história, desviando de um modo de pensar linear, teleológico e causal. Ao invés disso, busca evidenciar as tensões, contradições, disputas e rupturas constitutivas dos processos históricos, mostrando “[...] que a história não é senão todas as complexidades do tempo, todos os estratos da arqueologia, todos os pontilhados do destino”. (DIDI-HUBERMAN, 2012, p. 212)

“Pensar por montagens” (JACQUES, 2018) é, assim, o princípio epistemológico e metodológico adotado pelos pesquisadores do nosso grupo para trabalhar com os dados levantados sobre cada acontecimento e, a partir desse processo, compor as narrativas históricas abertas apresentadas nos verbetes.

Pensar por montagens significa pensar pelo choque de tempos heterogêneos, pelas heterocronias [...], quando o ‘outrora’ encontra, ‘num relâmpago, o ‘agora’, para formar uma constelação’. São constelações momentâneas cheias de tensões, prenhas de outros tempos. [...] Pensar por montagens no campo da história do pensamento urbanístico também seria pensar por montagens de tempos heterogêneos, ‘na contradança das cronologias e dos anacronismos’, tensionando as diferentes narrativas urbanas de seus mais diversos narradores, construtores e praticantes das cidades, de tempos distintos. Seria ainda utilizar os farrapos e resíduos, fragmentos tanto narrativos quanto urbanos, como tensionadores de homogeneidades, totalidades e partilhas hegemônicas, aprendendo com as heterocronias urbanas, já e ainda presentes – sobreviventes, materialmente ou não, mesmo que por vezes apagadas, silenciadas ou esquecidas – em qualquer cidade. (JACQUES, 2018, p. 223, grifo do autor)

Com a postura benjaminiana do “historiador-trapeiro”, que constrói a história utilizando sobras aparentemente sem utilidade, o pesquisador-montador parte em busca dos fragmentos que comporão o seu verbete.⁷ Ao reuni-los e colocá-los em movimento, busca provocar a irrupção de novas e inesperadas possibilidades de leitura, muitas vezes ofuscadas pelas narrativas cristalizadas e hegemônicas sobre aquele tema. Mais do que cada fragmento em si, o pesquisador volta sua atenção aos intervalos⁸ que os conecta, seja por afinidade ou por embate, levantando as possíveis tramas a serem tecidas dentro dos verbetes e entre eles e os outros já existentes.

Nesse sentido, a abordagem de cada verbete ao tema sobre o qual se debruça guarda uma relação particular não só com o pesquisador que o monta – as questões que o afetam, seus interesses individuais como pesquisador –, mas também com a forma como cada processo de montagem se desenrola – o que os fragmentos e sobretudo as relações entre eles “dizem”. Desnaturalizam-se, assim, tanto a noção do historiador como um elemento neutro na construção da história como a compreensão da história enquanto relato unívoco de um conjunto de fatos “reais”.

Essa forma de construção do texto, aberta a diferentes possibilidades de percurso e conexão, busca estimular no leitor uma postura semelhante à que Aby Warburg chamava de “aventura científica” – referindo-se à atitude provocada no pesquisador que percorria os labirintos da sua biblioteca devido à forma peculiar em que os livros estavam organizados.⁹ Propomos, assim, um “percurso aventureiro” pelo *site* da Cronologia do Pensamento Urbanístico, experimentando errar por seus desvios, suas pontes e as diferentes formas de olhar para a história do pensamento urbanístico que a plataforma propicia.

Iniciamos nosso percurso pelo verbete dedicado ao projeto do Ministério da Educação e Saúde Pública (Mesp), em 1936 no Rio de Janeiro, em que vemos um debate mobilizado por depoimentos de alguns dos principais atores envolvidos no polêmico processo da sua realização.¹⁰ Entre os depoimentos do ministro Capanema (1985), do poeta Carlos Drummond de Andrade (1975) – à época, chefe de gabinete do ministro – e a carta-protesto do arquiteto Archimedes

Memória (1936) – vencedor do concurso anulado – ao presidente Vargas, o que emerge é um embate entre duas correntes ideológicas que se manifestam esteticamente e, naquele momento, ampliam suas disputas no campo da escola de arquitetura para o campo mais amplo da cultura e da educação nacionais.¹¹ Esse debate é atravessado por outro, entre falas de Lucio Costa (1951 e 1975) e dos críticos de arte Lourival Gomes Machado (1947) e Mario Pedrosa (1953), que destacam o papel fundamental de Le Corbusier no desenvolvimento do projeto do edifício, concluído apenas em 1945 e já então consagrado internacionalmente como marco inaugural da arquitetura moderna brasileira.

No período das duas vindas do arquiteto franco-suíço ao Brasil, entre 1929 e 1936, suas teorias foram avidamente estudadas pelos jovens arquitetos liderados por Costa – de fato, a última vinda de Le Corbusier aconteceu devido a um convite daqueles mesmos arquitetos, para que ele prestasse uma consultoria prévia ao projeto do ministério.¹² Em comentário de 1951, Lucio Costa se refere ao “curso de conferências verdadeiramente fundamentais” realizado pelo arquiteto franco-suíço no Rio de Janeiro, quando da sua viagem pela América Latina em 1929, relatada posteriormente no livro *Précisions*.¹³ Na citação, uma referência ao verbete dedicado à publicação nos apresenta a possibilidade de desdobrar a navegação pelo *site* por esse caminho, em que podemos entender melhor as motivações e as consequências das incursões sul-americanas de Le Corbusier.

Ao acessarmos o verbete “Le Corbusier publica *Precisões*” (1930), podemos notar, através dos fragmentos que o compõem, o caráter profético e colonizador dessa obra – e da viagem que a inspira –, que fala em “missão” e “conquista da América” através da “disseminação” da sua concepção para uma nova arquitetura. Corbusier percebe a viagem como uma oportunidade de ver suas ideias saírem do papel e descreve o momento como um em que os brasileiros e os argentinos “querem desenhar sua história” e, para isso, devem se libertar das “decorações de tortas de creme que se multiplicam nas balaustradas e nas cornijas de gesso”.

Que o Rio tente este desafio: fazer frente, pela arquitetura, à paisagem, e não se entrincheirar atrás daquilo que tão

cruamente dizia meu amigo Cendrars: ‘O que quer que eles façam com seu pequeno urbanismo, serão sempre esmagados pela paisagem’. Creio que por um magnífico desígnio, o homem pode aqui mais uma vez realizar o que a Grécia fez na Acrópole e o que Roma fez nas sete colinas: impor-se à paisagem pela arquitetura certa. A Arquitetura é capaz, pela aritmética de sua linha justa, de integrar toda a paisagem. (LE CORBUSIER, 1987, p. 70-71)

Em um dos trechos do mesmo verbete, lemos ainda uma menção de Le Corbusier aos planos de ordenação da cidade do Rio de Janeiro, desenvolvidos naquele momento pelo também francês Alfred Agache. Essa menção, por delinear toda uma conjuntura de renovação arquitetônica e urbana, de movimentos convergentes e circulação de ideias produzidas anos antes, em outros países, alterando nesse momento a paisagem das cidades brasileiras, nos convoca a distanciar nosso olhar sobre a história do pensamento urbanístico, de forma a visualizar as linhas que se cruzam no tempo e no espaço, produzindo essa nebulosa.

Uma das maneiras possíveis de construirmos este movimento de distanciamento histórico no nosso *site* é acessando o painel cronológico para buscarmos relações temporais e geográficas entre os verbetes mobilizados. Na coluna referente ao ano de 1930, por exemplo, além de coexistirem os já citados verbetes da publicação de *Precisões*, na França, e da publicação do *Plano de extensão, remodelação e embelezamento*, de Alfredo Agache, no Rio de Janeiro – que teve o início dos seus estudos em 1927 –, podemos notar também o verbete destinado ao projeto da *Ville Radieuse*, de Le Corbusier. Apresentado durante o III Congresso Internacional da Arquitetura Moderna (Ciam), na Bélgica, e publicado em 1935, o projeto trazia transformações formais decorrentes das viagens do arquiteto à América do Sul (1929) e à Rússia (1928-30). Embora nunca tenha sido concretizada, “a cidade radiante” teria contribuído para a organização de duas novas capitais: o plano de Le Corbusier para Chandigarh, de 1950, com inauguração três anos mais tarde, e o projeto de Lucio Costa para Brasília, de 1956, inaugurada em 1960.¹⁴

Isso nos mostra que a partir de um interesse pontual e da fixação da

nossa investigação em um período específico no painel cronológico, podemos ver diversos outros acontecimentos que vão nos levando a uma compreensão mais ampla da circulação das ideias ao longo dos anos. Ao olharmos para a circulação desses projetos, publicações, eventos e fatos relevantes, coexistindo em tempos e espaços distintos, vislumbramos os fluxos de contaminação sistêmica e transgeográfica de ideias significativas à história do pensamento urbanístico, além de percebermos lacunas e adensamentos que esses debates configuram.

A exemplo, vemos que o ano da publicação de *La Ville Radieuse*, de Le Corbusier, na França, em 1935, coincide com o ano do concurso para o Mesp, no Rio de Janeiro, projeto em que os ideais da teoria corbusiana são evidenciados e exaltados, como vimos anteriormente. Ainda, nesse mesmo ano, acontece, sincronicamente a esse fato relevante, a I Semana de Urbanismo, em Salvador, Bahia, tendo como prioridade de discussão a tentativa de “mostrar ao povo da Bahia o caminho a seguir, a fim de torná-la uma cidade modelo”. A promoção dessa semana teria sido alimentada pelo desejo de inserção de Salvador em um “modelo desenvolvimentista e modernizador que começava a agitar o país” (SAMPAIO, 1988) e, não por acaso, teria acontecido pouco tempo após a passagem de Le Corbusier pelo Brasil. Anos depois, em 1941, Agache visitava Salvador para a elaboração de um plano urbanístico ao moldes cariocas encomendado pela prefeitura municipal.

Conduzir nosso percurso pelas circulações de ideias que os verbetes apontam – por exemplo, através das contaminações de Le Corbusier no Brasil e no mundo – nos permite extrapolar a representação quase tabular do painel cronológico que possivelmente nos direcionaria a uma leitura linear estrita e aparentemente enrijecida. A sequência de verbetes que nos é apresentada, posicionados lado a lado, ano a ano (de 1800 a 2050), divididos por regiões do Brasil – Sul e Sudeste, Norte e Nordeste, Centro-Oeste e Distrito Federal –, Europa, América Latina, América do Norte, Ásia, Oceania e África, passa a ser compreendida pelas suas relações em um cruzamento de tempos heterogêneos que retomam o passado e imaginam o futuro, tanto a nível nacional quanto internacional.

Essa coexistência de tempos distintos é reforçada por Jacques e demais autores (2017, p. 320), em diálogo com Benjamin (2009) e Didi-Huberman (2015), ao nos afirmar que “no tempo do ‘Agora’ estão presentes as sobrevivências de gestos do ‘Outrora’ [...], que irrompem, emergem no ‘Agora’ e que, portanto, provocam choques de tempos heterogêneos”. Para os autores, através de resquícios de planos passados materializados ou apenas idealizados, de práticas urbanas hegemônicas ou desviantes e de planos futuros impostos continuamente, a cidade – ou mesmo o campo do urbanismo – seria permeada por “heterocronias urbanas”, às quais as disputas e os conflitos seriam inerentes, resguardando memórias de um passado e tensionando uma projeção de futuro em um movimento em que “aparecimentos e desaparecimentos” (JACQUES et al., 2017, p. 328) dialogam e se sobrepõem.

As heterocronias urbanas seriam essas coexistências de tempos distintos nas cidades, coexistências não pacificadas, que causam estranhamentos, conflitos, choques. Seriam como descompassos, arritmias, um tipo de furo ou rasgo que abre um tempo dentro do outro, que cria uma brecha ou desvio temporal, onde temporalidades múltiplas podem emergir; um tipo de solução ou tropeço que rechaça qualquer lógica temporal positivista, linear ou teleológica: montagens de tempos heterogêneos. (JACQUES et al., 2017, p. 298)

À medida em que avançamos por entre os choques e tensionamentos de tempos e espaços do nosso painel cronológico, complexificamos a nossa compreensão acerca da história do pensamento urbanístico e começamos a visualizar como se formam nossas nebulosas. A circulação do pensamento e da produção de Le Corbusier e a constituição e o desenvolvimento do Movimento Moderno, olhados a partir dessas múltiplas relações espaçotemporais, ganham outros contornos e maiores adensamentos. Se fixamos nossa atenção, por exemplo, no ano específico de 1956, notamos que, simultaneamente à realização do emblemático concurso para o Plano Piloto de Brasília, no Distrito Federal – uma clara reverberação do projeto da *Ville Radieuse*, de Le Corbusier, de 1930 –, acontece em Dubrovnik, na Croácia, o X Ciam. Essa edição do congresso foi marcada pela ascensão do Team

X (1953-1967) e pelo forte questionamento das ideias urbanísticas de Le Corbusier, as quais, naquele mesmo momento, guiavam as premissas adotadas pelo projeto vencedor do Plano Piloto da nova capital do Brasil. O mesmo Team X, anos mais tarde, em 1959, no Congresso de Otterlo, realizava o simbólico enterro do Movimento Moderno, enquanto Brasília dava apenas os seus primeiros passos.¹⁵

Se olharmos ainda mais de perto para um outro verbete de 1956, dedicado ao projeto para a Plataforma Rodoviária de Brasília (1956), veremos que a discussão tem como principal foco justamente uma reflexão acerca da diferença entre aquilo que Lucio Costa, naquele momento, idealizara em sua prancheta e aquilo que a vida pulsante da cidade de fato instituiu para o espaço enquanto urbanidade ao longo dos anos.¹⁶ O debate é aberto pelo choque entre duas falas do arquiteto, separadas cronologicamente por 38 anos, mas que nessa montagem se tocam: “o sonho foi menor que a realidade”, concluiu o arquiteto em 1995. A urbanidade “requintada, meio cosmopolita” imaginada para o terminal rodoviário, inspirada em centros urbanos europeus como Picadilly Circus e Times Square, fora suplantada pelas formas de ocupação produzidas pelos milhares de habitantes das classes mais populares das cidades satélites do Distrito Federal, que chegam na capital pelo terminal. Os choques entre as linhas retas e bem planejadas do Plano Piloto e a organicidade da sua ocupação popular se apresentam ainda por meio de croquis do Plano Piloto, fotografias do espaço da rodoviária tomado pela “vida intensa dos verdadeiros brasilienses” e nas imagens poéticas de Nicholas Behr.

Essa discussão aponta uma leitura de Brasília que vai além do mito da pureza modernista, possibilitando acessá-la não apenas pelo campo de debate¹⁷ do urbanismo moderno, mas também do popular.¹⁸ Uma possibilidade de continuarmos a deriva da nossa navegação pelo *site* é explorar os verbetes que compõem a constelação em torno da “Rodoviária de Brasília”, localizada no topo da página, a fim de complexificarmos ainda mais a nossa compreensão. Um desses verbetes, destinado à própria “Inauguração de Brasília” (1960), por exemplo, para além de recontar a história consagrada da capital, pautada na celebração de seus feitos de arquitetura e engenharia modernos, evidencia o aspecto popular da construção dessa cidade,

como na atuação dos chamados “candangos” e no surgimento e desenvolvimento das diversas cidades satélites da capital nacional, elencados nos demais verbetes “Fundação da cidade-satélite Núcleo Bandeirante (Cidade Livre)” (1956); “Fundação da cidade-satélite de Ceilândia” (1971); “Milton Santos publica ‘A Cidade nos Países Subdesenvolvidos’” (1965); e “Criação da Campanha de Erradicação de Invasões (CEI)” (1970).

Ao pensar e narrar Brasília por meio dessa nebulosa, somos capazes de tecer relações que não são definidas por uma hierarquia entre as diferentes possibilidades de leitura e compreensão dos acontecimentos a ela associados. Como o gaguejar da língua de Deleuze (1997, p. 126), esse modo de pensar-narrar “não seleciona, porém afirma os termos disjuntos através de sua distância, sem limitar um pelo outro nem excluir o outro do um, esquadrinhando e percorrendo o conjunto de toda sua possibilidade”. A leitura, assim, pode derivar por múltiplos caminhos e encontrar outros adensamentos, como, por exemplo, um conjunto de verbetes mais próximos ao debate do Movimento Moderno – “Inauguração de Chandigarh (1953)” e “Fundação de Islamabad (1953)” – ou outro relacionado à criação de “cidades novas” – “Inauguração de Goiânia” (1937) e “Cidade nova de Cosmorama (SP)” (1931).

Esses conjuntos de relações e adensamentos circunstanciais e mutáveis vão se delineando à medida que o leitor percorre a plataforma, expandindo e encolhendo diferentes constelações a cada “clique”. As reconfigurações nos fazem ver distintas relações e possibilidades de debates, além de demonstrarem aspectos da circulação de ideias em diferentes temporalidades e espacialidades, engajando tanto o leitor como o pesquisador-montador em uma postura ativa e criativa de investigação, que passa a ter como principal motor a imaginação. Torna-se possível, assim, visualizar conexões para além daquelas pensadas nos momentos de composição e inserção dos verbetes no *site*, decorrentes do próprio modo de “pensar por nebulosas” que reconhece o saber acerca de determinado acontecimento como contingente,¹⁹ tanto ao seu próprio campo de conhecimento, quanto às circunstâncias do próprio pesquisador.

Essa forma de construção do conhecimento, que encontra no *site* da Cronologia um modo próprio de narração, admite lacunas, incompletudes, desdobramentos e encontros – fragmentos que, ao mesmo tempo que preservam sua autonomia e singularidade, compõem conjuntos diversos de relações em que não há pretensão alguma de apontar para uma totalidade do conhecimento acerca do acontecimento narrado, mas sim de trazer à superfície sempre novas e infinitas possibilidades de relação entre fatos importantes da história do pensamento urbanístico.

Mais do que um resultado fixo de um processo de pesquisa realizado a *priori*, esse nosso modo de pensar-fazer-narrar é um processo em movimento, sempre inconclusivo e inacabado, pois aberto “aos possíveis ainda não dados”. (DIDI-HUBERMAN, 2013, p. 13) O percurso errante de exploração possibilitado pelo *site* convoca o leitor a se aventurar entre as imagens e citações que compõem os verbetes, percorrer o painel cronológico para melhor entender as relações históricas e geográficas apontadas pelos debates, desdobrar as constelações conformadas em torno de cada acontecimento, acessar os *links* disponíveis para outros documentos e, assim, em um movimento constante e mobilizado pela imaginação, ir construindo um conhecimento próprio. Diante desse conjunto fragmentado e heterogêneo de possibilidades, o leitor é convidado a despojar-se das suas convicções²⁰ e a encontrar as suas próprias e inesperadas relações a partir do que lhe é apresentado, podendo inclusive colaborar com a pesquisa.²¹

Assumimos, portanto, um arranjo sempre provisório da pesquisa e da ferramenta, passível de ser reconfigurado à medida que novos nexos emergem daquilo que se posiciona em relação.²² A possibilidade de nos colocarmos diante dessas incertezas, de permitir um processo de montagem e desmontagem das nossas narrativas, nos faz imaginar múltiplos desdobramentos dos acontecimentos mobilizados, compondo histórias do pensamento urbanístico que não são unívocas nem homogêneas. As diversas configurações das nossas nebulosas, em constante movimento de adensamento e dispersão, assumindo e reforçando seus intervalos e suas lacunas, nos direcionam a um pensamento inesgotável, a uma capacidade imaginativa que “aceita o múltiplo e o reconduz constantemente para nele detectar novas

‘relações íntimas e secretas’, novas ‘correspondências e analogias’”. (DIDI-HUBERMAN, 2015, p. 20) E assim, somos direcionados também ao movimento, ao percurso errante, ao desvio, ao delineamento impreciso e ao contorno turvo, em que o mais estimulante é a possibilidade de abertura a novos caminhos do que a fixação a um só tempo e espaço.

NOTAS

- 1 Chamamos de “acontecimentos” os projetos, publicações, eventos e fatos relevantes à história do pensamento urbanístico, categorias pelas quais os nossos verbetes estão organizados no *site* da Cronologia. Para o filósofo Gilles Deleuze, “acontecimento” relaciona-se com uma efetuação espaçotemporal diferente daquela hegeliana e positivista da história: “Em todo acontecimento existe realmente o momento presente da efetuação, aquele em que o acontecimento se encarna em um estado de coisas, um indivíduo, uma pessoa, aquele que designamos dizendo: eis aí, o momento chegou [...] Mas há, de outro lado, o futuro e o passado do acontecimento tomado em si mesmo, que esquiva todo presente, porque ele é livre das limitações de um estado de coisas, sendo pessoal e pré-individual, neutro, nem geral, nem particular, *eventum tantum*...; ou melhor, que não há outro presente além daquele do instante móvel que o representa, sempre desdobrado em passado-futuro, formando o que é preciso chamar a contra-efetuação”. (DELEUZE, 1974, p. 154)
- 2 A plataforma Cronologia do Pensamento Urbanístico – disponível em: <http://www.cronologiadourbanismo.ufba.br> – visa tornar pública, através de seu dispositivo técnico, parte dos esforços investigativos das diversas equipes e pesquisadores nela envolvidos. Os modos de narração apresentados pela plataforma e suas reflexões teóricas, práticas e técnicas, completamente indissociáveis, são discutidos no conjunto de textos desenvolvidos pela equipe da Universidade Federal da Bahia (UFBA) que compõem o “Narrar por relações”: I em “Intrigas”, II em “Vestígios” e III em “Desvios”. Assim, evidenciamos a possibilidade de uma leitura conjunta dos três textos, que se complementam e dialogam entre si.
- 3 Essa discussão é melhor abordada pelo texto “Teoria historiográfica e a cronologia do pensamento urbanístico”, disponível na seção “Leituras” do *site* da Cronologia. Essa seção, acessada pela página inicial da plataforma, traz uma série de textos e materiais suplementares à compreensão da pesquisa, desenvolvidos tanto especificamente para o *site* como para congressos e seminários, além de outros escritos oriundos de teses e dissertações elaboradas por nossos pesquisadores. Ver: http://cronologiadourbanismo.ufba.br/leituras.php?id_leitura=2
- 4 “Por ‘constelação’, Benjamin designava a relação entre os componentes – as estrelas – de um conjunto – as linhas imaginárias que desenham um agrupamento constelar –, a relação essa que se define não apenas pela proximidade entre as estrelas, mas também pela possibilidade de significado que o conjunto adquire, o sentido que lhe pode ser atribuído”. (VELLOSO, 2018, p. 101)
- 5 Optamos por iniciar nosso percurso na plataforma pelos verbetes, visto que, através de ferramentas de monitoramento dos acessos ao *site*, pudemos constatar que uma das formas mais recorrentes de entrada pelos diversos leitores externos à pesquisa se dá por uma busca direta ao conteúdo de cada acontecimento.

- 6 As demais subpáginas ou abas de cada página do verbete são: “documentos”, na qual são disponibilizadas fontes primárias; “textos críticos”, na qual se reúnem resenhas e ensaios críticos sobre o tema; “biografias”, que apresentam as entradas criadas pela própria pesquisa sobre os autores de projetos ou publicações, ou personagens principais de eventos ou fatos relevantes; e, por fim, nas abas “bibliografias”, “downloads” e “links”, são disponibilizados e indicados livros, textos e *websites* em que se podem expandir as leituras para além do conteúdo disponível no verbete.
- 7 É importante pontuarmos que essa seleção de fragmentos pelo pesquisador-montador, ao construir cada verbete, também é guiada pelo propósito de adensar a trama de relações já existente no *site*. Para isso, é preciso olhar atentamente para os debates e articulações já presentes na plataforma, podendo, assim, levantar fragmentos que, ao passo que reforçam o debate colocado no próprio verbete, potencializam também relações com outros já existentes ou a serem criados, seja por afinidade ou embate, contribuindo para o adensamento e complexificação das redes de conexões presentes no *site*. As biografias, que também fazem parte dos conteúdos associados aos verbetes, constituem uma categoria à parte, podendo ser inseridas separadamente e relacionadas a diferentes verbetes.
- 8 A noção de “intervalo” é melhor aprofundada no texto “Narrar por relações I: o fragmento, o intervalo, a imaginação”, que compõe a seção “Intrigas” deste mesmo tomo.
- 9 O texto “Narrar por relações II: aventuras através de histórias da Cronologia do Pensamento Urbanístico”, que compõe a seção “Vestígios” deste mesmo tomo, aborda com mais profundidade essa “aventura científica” pela biblioteca de Aby Warburg.
- 10 O concurso público promovido para eleger um projeto para o edifício é vencido pelo arquiteto Archimedes Memória, resultado que desagradou ao ministro Gustavo Capanema. Este, que havia idealizado a realização do concurso, decide por anulá-lo e convence o presidente Getúlio Vargas a contratar uma equipe de jovens arquitetos que havia sido desclassificada na primeira etapa do pleito, liderados por Lucio Costa.
- 11 Enquanto Memória acusa Drummond de atuar como “patrono e intransigente defensor” de um grupo de “elementos deletérios”, “comunistas” e “agitadores culturais”, o poeta exalta a “solução revolucionária” do ministro Capanema de substituir a proposta vencedora pelo grupo de “jovens arquitetos, imbuídos de ideias novas” e responsáveis pela concretização da “obra hoje reverenciada pelos mestres da arquitetura universal”.
- 12 Essa admiração de Lucio Costa por Le Corbusier é ressaltada também na biografia do arquiteto brasileiro, uma das abas disponíveis no verbete. A trajetória da vida profissional de Costa é pautada por encontros e realizações de projeto em conjunto com o arquiteto franco-suíço em diversos momentos. Ver em: <http://www.cronologiadourbanismo.ufba.br/biografia.php?idVerbete=1&idBiografia=1>. Acesso em: 3 jun. 2020.

- 13 Em 1929, Le Corbusier realiza conferências em Buenos Aires, São Paulo e Rio de Janeiro, com o intuito de difundir as suas ideias, que naquele momento causavam pouco interesse na Europa e particularmente na França. O relato dessa viagem é publicado no ano seguinte, com o título *Précisions sur un état présent de l'architecture et de l'urbanisme* (Precisões sobre um estado presente da arquitetura e do urbanismo).
- 14 É possível utilizarmos a ferramenta de recorte disponível no painel cronológico para aproximar alguns anos específicos a fim de visualizar a circulação das ideias pelo tempo, conforme interesse do leitor. Ainda, o painel permite elencar os verbetes por diversas categorias ou palavras-chave que chamamos de “marcadores”, nos possibilitando filtrar os acontecimentos que serão apresentados.
- 15 O desenvolvimento do Movimento Moderno, da sua ascensão ao seu declínio, pode ser melhor compreendido pelo texto “Notas sobre o moderno: a(s) Carta(s) de Atenas e a emergência do Team X”, constituinte da seção “Leituras”, disponível no site da Cronologia. Ver: http://cronologiadourbanismo.ufba.br/leituras.php?id_leitura=26.
- 16 Esse tensionamento entre uma arquitetura racionalmente planejada e a experiência vivenciada nas cidades é justamente um dos motivos pelo qual o Team X teria rompido definitivamente com o pensamento ortodoxo modernista, criticando seu caráter funcionalista e abstrato. O projeto *Urban Re-identification*, do casal britânico Alison e Peter Smithson, que de forma mais direta marcaria a ruptura com o movimento, traz uma releitura da “Grille corbusiana” através de uma série de imagens que coloca a rua, as pessoas e a vida cotidiana como elementos centrais para o projeto urbano. Esses elementos e debates acerca da diversidade e do espaço da rua também fundamentam os escritos da jornalista e ativista Jane Jacobs. Em um dos textos presentes na seção “Leituras” do nosso site, chamado “Brasília: segregação e utopia na construção da cidade moderna”, é afirmado que: “Quase contemporânea à própria construção de Brasília, vê-se a publicação, já em 1961, do livro ‘Morte e vida de grandes cidades’, da jornalista Jane Jacobs. O livro foi uma síntese e relato crítico aos processos de reurbanização e de planejamento urbano calcados nas propostas tão discutidas nos CIAMs”. Ver: http://www.cronologiadourbanismo.ufba.br/leituras.php?id_leitura=24.
- 17 É importante pontuarmos que, anteriormente, a equipe da UFBA havia se dividido em três campos de debate – moderno, popular e participação – para o desenvolvimento da pesquisa. Cada um desses subgrupos foi delineado a partir de “pontos de inflexão”, estabelecidos em um momento ainda anterior. Os desdobramentos e as considerações em torno dessa organização momentânea da equipe são apresentados no texto “Fazer por desvios”, parte do tomo II desta mesma coleção.
- 18 Entende-se o popular “num contexto social de pós-industrialização, com o pop, com a cultura comercial da sociedade de consumo conforme explorada pela *pop art*” e também no “contexto social de pré-industrialização [...] e toma como ponto de partida a criação do Museu de Arte Popular (MAP), em 1963, em Salvador”. (JACQUES et al., 2019, p. 48-49)

- 19 “Cada nuvem, considerada sob certo ângulo, define ela própria uma totalidade, ainda que contingente, pois mesmo sua estaticidade adivinha-se que temporária. [...] Assim, a própria ideia de uma nebulosa como totalidade é relativa e depende dos sentidos e nexos internos e externos que as recortam e recortaram”. (PEREIRA, 2018, p. 251)
- 20 “Citações em meu trabalho são como salteadores no caminho, que irrompem armados e roubam ao passeante a convicção”. (BENJAMIN, 2012, p. 62)
- 21 Na aba “colabore”, disponível em todos os verbetes, o leitor pode enviar sugestões a serem mediadas e acrescentadas pelos pesquisadores no conteúdo disponibilizado na ferramenta web.
- 22 Nesse sentido, é importante pontuar que o percurso imaginado neste texto se refere à atual configuração do site, a qual tende, futuramente, a sofrer algumas alterações.

REFERÊNCIAS

- ARENDDT, Hannah. *Walter Benjamin 1842-1940*. Paris: Editions Allia, 2007.
- ALMEIDA JÚNIOR, Dilton Lopes de; SOUZA Karine da Silva. Brasília: segregação e utopia na construção da cidade moderna. *Cronologia do Pensamento Urbanístico*, Salvador, 2016. Disponível em: http://www.cronologiadourbanismo.ufba.br/leituras.php?id_leitura=24. Acesso em: 1 jun. 2020.
- BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Tradução de Irene Aron e Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2009.
- BENJAMIN, Walter. *Rua de mão única*. Tradução Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 2012.
- CIDADE nova de Cosmorama (SP). In: CRONOLOGIA do Pensamento Urbanístico. Salvador, [200-]. Disponível em: <http://cronologiadourbanismo.ufba.br/apresentacao.php?idVerbete=1680&langVerbete=pt>. Acesso em: 21 jun. 2020.
- CONCURSO para o Plano Piloto de Brasília. In: CRONOLOGIA do Pensamento Urbanístico. Salvador, [200-]. Disponível em: <http://www.cronologiadourbanismo.ufba.br/apresentacao.php?idVerbete=1>. Acesso em: 21 jun. 2020.
- criação da Campanha de Erradicação de Invasões (CEI). In: CRONOLOGIA do Pensamento Urbanístico. Salvador, [200-]. Disponível em: <http://cronologiadourbanismo.ufba.br/apresentacao.php?idVerbete=1625&langVerbete=pt>. Acesso em: 21 jun. 2020.
- DELEUZE, Gilles. *Crítica e clínica*. Tradução Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1997.
- DELEUZE, Gilles. *Lógica do sentido*. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, F. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*, vol. 2. Tradução Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

DIDI-HUBERMAN, Georges. Quando as imagens tocam o real. *Pós: Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes da Escola de Belas Artes da UFMG*, Belo Horizonte, v. 2, n. 4, p. 204-209, nov. 2012.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Atlas ou a gaia ciência inquieta*. Tradução Renata Correia Botelho e Ruy Pires Cabral. Lisboa: KKYM, 2013.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Diante do tempo: história da arte e anacronismos das imagens*. Tradução Vera Casa Nova e Márcia Arbex. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2015.

DRUMMOND, Washington Luis Lima. *Teoria historiográfica e a cronologia do pensamento urbanístico*. Cronologia do Pensamento Urbanístico, Salvador, 2009. Disponível em: http://cronologiadourbanismo.ufba.br/leituras.php?id_leitura=2. Acesso em: 16 de jun. 2020.

FUNDAÇÃO da cidade-satélite de Ceilândia. In: CRONOLOGIA do Pensamento Urbanístico. Salvador, [200-]. Disponível em: <http://cronologiadourbanismo.ufba.br/apresentacao.php?idVerbete=1600&langVerbete=pt>. Acesso em: 21 jun. 2020.

FUNDAÇÃO da cidade-satélite Núcleo Bandeirante (Cidade Livre). In: CRONOLOGIA do Pensamento Urbanístico. Salvador, [200-]. Disponível em: <http://cronologiadourbanismo.ufba.br/apresentacao.php?idVerbete=1602&langVerbete=pt>. Acesso em: 21 de jun. 2020.

FUNDAÇÃO de Islamabad. In: CRONOLOGIA do Pensamento Urbanístico. Salvador, [200-]. Disponível em: <http://cronologiadourbanismo.ufba.br/apresentacao.php?idVerbete=1618&langVerbete=pt>. Acesso em: 21 jun. 2020.

GO: INAUGURAÇÃO de Goiânia. In: CRONOLOGIA do Pensamento Urbanístico. Salvador, [200-]. Disponível em: <http://cronologiadourbanismo.ufba.br/apresentacao.php?idVerbete=1532&langVerbete=ptt>. Acesso em: 21 jun. 2020.

JACQUES, Paola Berenstein. Pensar por montagens. In: PEREIRA, Margareth da Silva; JACQUES, Paola Berenstein (org.). *Nebulosas do pensamento urbanístico*: tomo I: modos de pensar. Salvador: Edufba, 2018. p. 206-235.

JACQUES, Paola Berenstein *et al.* Temporalidades. In: BRITTO, Fabiana

Dultra; JACQUES, Paola Berenstein (org.). *Corpocidade: gestos urbanos*. Salvador: Edufba, 2017. p. 294-349.

JACQUES, Paola Berenstein *et al.* Fazer por desvios. In: PEREIRA, Margareth da Silva; JACQUES, Paola Berenstein (org.). *Nebulosas do pensamento urbanístico*: tomo II: modos de fazer. Salvador: Edufba, 2019. p. 20-151.

INAUGURAÇÃO de Brasília. In: CRONOLOGIA do Pensamento Urbanístico. Salvador, [200-]. Disponível em: <http://www.cronologiadourbanismo.ufba.br/apresentacao.php?idVerbete=1257>. Acesso em: 21 jun. 2020.

INAUGURAÇÃO de Chandigarh. In: CRONOLOGIA do Pensamento Urbanístico. Salvador, [200-]. Disponível em: <http://www.cronologiadourbanismo.ufba.br/apresentacao.php?idVerbete=1527>. Acesso em: 21 jun. 2020.

LE CORBUSIER. O espírito sul-americano. In: SANTOS, Cecilia Rodrigues dos; PEREIRA, Margareth da Silva. *Le Corbusier e o Brasil*. São Paulo: ProEditores, Tessela, 1987.

LE CORBUSIER publica précisions. In: CRONOLOGIA do Pensamento Urbanístico. Salvador, [200-]. Disponível em: <http://www.cronologiadourbanismo.ufba.br/apresentacao.php?idVerbete=1595>. Acesso em: 21 jun. 2020.

MILTON SANTOS publica “A Cidade nos Países Subdesenvolvidos”. In: CRONOLOGIA do Pensamento Urbanístico. Salvador, [200-]. Disponível em: <http://cronologiadourbanismo.ufba.br/apresentacao.php?idVerbete=1601&langVerbete=pt>. Acesso em: 21 jun. 2020.

PEREIRA, Margareth da Silva. Pensar por nebulosas. In: PEREIRA, Margareth da Silva; JACQUES, Paola Berenstein (org.). *Nebulosas do pensamento urbanístico*: tomo I: modos de pensar. Salvador: Edufba, 2018. p. 236-261.

PROJETO da Ville Radieuse. Autor: Le Corbusier. In: CRONOLOGIA do Pensamento Urbanístico. Salvador, [200-]. Disponível em: <http://www.cronologiadourbanismo.ufba.br/apresentacao.php?idVerbete=1580&langVerbete=pt>. Acesso em: 21 de jun. 2020.

PROJETO para Plataforma Rodoviária de Brasília, Autor: Lúcio Costa. In: CRONOLOGIA do Pensamento Urbanístico. Salvador, [200-]. Disponível em: <http://www.cronologiadourbanismo.ufba.br/apresentacao.php?idVerbete=1617>. Acesso em: 21 jun. 2020.

PROJETO para o Ministério da Educação e Saúde Pública - Lúcio Costa e equipe. In: CRONOLOGIA do Pensamento Urbanístico. Salvador, [200-]. Disponível em: <http://www.cronologiadourbanismo.ufba.br/apresentacao.php?idVerbete=594>. Acesso em: 21 jun. 2020.

RABELO, Gabriela *et al.* Notas sobre o Moderno: a(s) Carta(s) de Atenas e a emergência do Team X. *Cronologia do Pensamento Urbanístico*, Salvador, 2016. Disponível em: http://cronologiadourbanismo.ufba.br/leituras.php?id_leitura=26. Acesso em: 1 jun. 2020.

SAMPAIO, Antonia Heliodório. *Anais 3a Semana Urbanismo Faculdade de Arquitetura e Urbanismo UFBA*. Salvador, 1988.

VELLOSO, R. Pensar por constelações. In: PEREIRA, Margareth da Silva; JACQUES, Paola Berenstein (org.). *Nebulosas do pensamento urbanístico*: tomo I: modos de pensar. Salvador: Edufba, 2018. p. 98-121.